

# Miguel Pereira ao ritmo da nova **África**

O coreógrafo e bailarino Miguel Pereira voltou a Moçambique, trinta anos depois de ter deixado o país onde nasceu. Pretexto para falar da memória, do encontro com o outro e do confronto entre contemporaneidade e tradição. "Doo" é apresentado hoje, no CCB, Lisboa. *Vanessa Rato*



Data: 06.06.2008

Título: Miguel Pereira ao ritmo da nova África

Pub:

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Cultura

Pág: 36;37

Afinal o que é isto da memória? E até que ponto é que um corpo guarda em si marcas específicas de uma nacionalidade ou cultura?

Não foram necessariamente estas as perguntas de que Miguel Pereira partiu quando, no ano passado, se propôs visitar Moçambique, país onde nasceu e onde passou os primeiros treze anos de vida. Mas são pontos de interrogação como estes que passam pelas costuras de "Doo", sua nova criação, que pode ser vista hoje, às 21h30, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa (espectáculo da programação do Alkantara).

Falamos de costuras, podíamos falar de cortes. "Doo" está mais próximo disso, de qualquer coisa breve e decepada, do que fica quando o acessório é excisado sem recorte final. É a perplexidade interrompida do que é deixado entre golpes. E percebe-se porquê: é essa a qualidade viva mas inacabada dos instantâneos que nos assaltam quando abrimos o álbum do passado, o nosso. E essa cadeia de imagens e sensações em associação livre, inesperada, por vezes errática, que aqui se simula em forma de espectáculo.

"Independentemente de ser África, era a minha relação pessoal com o facto de ter nascido em Moçambique que me interessava. Mas interessava-me também que, a partir disso, o meu trabalho se fosse abstractizando até perder as ligações directas com a questão do colonialismo. Apresento este trabalho como uma espécie de falha", diz-nos Miguel Pereira logo à partida.

Uma questão de falha: é essa também a matéria da memória, a matéria dos espaços em branco que tentamos preencher quando folheamos recordações como quem tenta encontrar o fio de um livro desconjuntado; a matéria de quem assume os acidentes da sua história como base fundamental de trabalho, consequência de uma reflexão artística (logo, política e sociológica) sobre a identidade.

#### **Bach e o outro**

Começamos com Bach, com um Concerto de Bradenburgo, o número 1. Miguel Pereira lembra-se de, em criança, o pai, que já morreu, lhe dizer que a música clássica se deve ouvir baixinho. É daqui que partimos para Moçambique, para a então Lourenço Marques, para uma casa com jardim no Bairro do Alto Maé. Era uma casa para quatro: Miguel Pereira, o pai, a mãe e a irmã. "Doo" é um

espectáculo para dois, ele e Pak (Bernardo Fernando), bailarino e músico moçambicano que encontrou durante a sua viagem de regresso a África mais de trinta anos depois.

Seria neste regresso que a mão da nostalgia poderia sufocar-nos. Mas, para isso, era preciso que este fosse, de facto, um espectáculo sobre África ou o reencontro com qualquer uma delas, a perdida ou a actual. Não é: aqui África é pretexto, o "leitmotiv" num espectáculo sobre a memória, sim, mas não uma memória, a memória "tout court". No seu reverso, é talvez um espectáculo sobre o encontro com "o outro". Isso ou sobre o confronto entre a contemporaneidade e a tradição.

Histórias: Miguel Pereira lembra-se disto, de um início de tarde muito quente, cheio de sol e expectativas. Estamos debaixo de um alpendre de terra batida onde um grupo de crianças estão descalças e em tronco nu, vestidas apenas com capulanas coloridas; estão à espera de entrar em cena para interpretar a Marrabenta, dança popularizada na Moçambique urbana das décadas de 1950 e 1960; as crianças de capulana são brancas, filhas de colonos, e terão perto de 11 anos; Miguel Pereira é uma delas - foi esta a primeira vez que dançou em palco, com público, e em "Doo" este é outro ponto de partida, o ponto de partida para uma exploração de movimento em que ritmos tradicionais africanos se cruzam e confrontam com ritmos europeus e norte-americanos (por exemplo, os do sapateado, por sinal também de raiz negra), mas

***"Há esta relação emocional, de conflito e distância com Moçambique.***

***Afinal, foram 13 anos, os primeiro 13 da minha vida.***

***Mas essa relação foi anulada pelo próprio colonialismo,***

***primeiro, e depois pelo tempo. Trinta anos é muito tempo"***

também com o movimento contemporâneo feito em África.

Dois corpos e dois tipos de interpretação sobre o que é o movimento: nos últimos oito anos, o que é o mesmo que dizer desde que começou as suas criações em nome próprio, Miguel Pereira tem-nos proposto o outro como espelho ou alter-ego; talvez nunca, como em "Doo" o outro tenha tão distante. E, contudo, veja-se o que ele dizia sobre "António Miguel", a peça com a qual recebeu em 2000 o prémio revelação Ribeiro da Fonte: "As minhas imagens nascem daquilo que não sou, daquilo que gostaria de abarcar e não posso, porque sou feito de limitações. Se calhar, ultrapassar os meus limites ajuda-me a encontrar coisas novas."

"António Miguel", precisamente, insinua-se em "Doo", como um círculo que se fecha sobre si mesmo. Miguel Pereira está ali, de novo, com a sua peruca de caracóis negros, o piscar de olho ao "nonsense" e ao ridículo, que sempre fizeram parte da sua marca enquanto intérprete e criador. É como descobrir coisas novas nas coisas antigas, reciclar. Foi o que mais o marcou no confronto com Moçambique: a reciclagem de tudo, portas, janelas, pneus... Isso e o poder da natureza a invadir a cidade, a rasgar o betão, a destruir as ruas e passeios, uma "metáfora poderosa", diz ele.

Outra história: a que lhe aconteceu quando cedeu à tentação (quem não cede?) de passar em revista as casas e espaços da sua memória.

Estamos outra vez no Bairro do Alto Maé - a casa que era para quatro é agora para muitos. "Fiquei impressionado com a degradação, com as grades por todo o lado, quando aquele sempre foi para mim um espaço amplo, aberto", diz. Mesmo assim bate à porta; acodem três mulheres, várias crianças. Tenta convencê-las a recebê-lo, e elas que não, que o "patrão" não está. Novo dia, e lá está ele a bater outra vez à porta. Agora é o "patrão" quem aparece, mas também ele diz que não, não naquele momento. Pede-lhe que deixe um número de telefone, para combinar noutra altura. Até hoje.

"Pareceu-me sintomático como desfecho da história, simbólico daquilo que já não me pertence e sobre o que não tenho qualquer controle. De facto, não tenho o direito de entrar naquela casa", diz Miguel Pereira, e não são palavras de papel:

Área: 1752cm<sup>2</sup>/94%

Tiragem: 72.253 FOTO

Corres: 4 Cores

ID: 2157795

**Data:** 06.06.2008

**Título:** Miguel Pereira ao ritmo da nova África

**Pub:**

**Tipo:** Jornal Nacional Diário

**Secção:** Cultura

**Pág:** 36;37

“A verdade é que não tenho qualquer tipo de maravilhamento [em relação ao passado colonial]. Há esta relação emocional, de conflito e distância com Moçambique. Afinal, foram 13 anos, os primeiros 13 anos da minha vida. Mas, a verdade, é que essa relação [com Moçambique] foi completamente anulada pelo próprio colonialismo, primeiro, e depois pelo tempo. Trinta anos é muito tempo.”

Para haver um reencontro é preciso que tenha havido um primeiro encontro e a verdade, segundo Miguel Pereira, é que só hoje nos apercebemos da riqueza da cultura tradicional africana. “No período colonial ela era apenas utilizada como um adereço, uma espécie de exotismo - os colonos a olhar para os ‘indígenas’”.

Pode-se querer ver também em

“Doo” um certo resvalar para esse exótico, mas não é o que está lá: o que está aqui, em cena, são duas faces da mesma moeda, dois bailarinos, um português, europeu, branco, e um moçambicano, africano, negro. E se falávamos num confronto entre tradição e contemporaneidade ele não se faz a preto e branco; tradição e contemporaneidade estão ao mesmo tempo em cada um destes dois lados. Porque África não ficou lá atrás; fez-se contemporaneidade. Aliás, cada vez mais é ela a fazer a contemporaneidade.

No virar recente para o novo milénio, o kuduro angolano pôs os brancos a dançar negro pelas capitais da Europa; na década de 1970, géneros como a Marrabenta, que se dançava no Centro Associativo dos Negros da

Colónia de Moçambique, foram danças tornadas revolução.

No centro de Lourenço Marques, o sítio onde se ensinava fandango como “reeducação”, a Marrabenta criou um dos mais importantes fóruns de debate e reivindicação da identidade negra de Moçambique por onde passaram das vozes mais contestatárias ao regime: Eduardo Mondlane, Samora Machel, Joaquim Chissano... A dada altura de “Doo”, Miguel Pereira, hoje com 45 anos (“é a esperança média de vida de um moçambicano”, explica às tantas) desiste, ofegante, do frenesim físico. Pak fica em cena, sozinho. Aqui, a velha Europa não tem o ritmo da nova África.

Área: 1752cm<sup>2</sup>/94%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 2157795